



*Estudos Culturais e comunicação alternativa: em busca de uma perspectiva sobre cultura local*<sup>1</sup>

*Renata Escarião PARENTE*<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB*

**RESUMO**

*A partir dos estudos culturais, considerando a cultura não apenas no âmbito estrito da reprodução, mas sim no campo dos processos constitutivos e transformadores do social, buscamos aqui elencar as considerações de autores como Jesús Matín-Barbero, Nestor García Canclini e Ana Carolina D. Escosteguy sobre identidade e cultura na globalização. Usaremos como objeto para essa análise uma revista alternativa publicada na Paraíba, a Revista Fome de Quê? (fmq?), com o objetivo de entender que configurações a cultura local ganha em um cenário de globalização, interculturalidade e transnacionalização, observando como se reorganizam e reconstróem as identidades em um contexto de hibridismo cultural.*

**PALAVRAS-CHAVE:** estudos culturais; cultura local; identidade; Revista ‘Fome de Quê?’

**Introdução**

É em um contexto de transformação do modo de olhar o mundo, um novo momento no qual a questão da alteridade se impõe que os estudos culturais emergem na América Latina trazendo consequências na discussão sobre a identidade. Se até o momento o modelo econômico da sociedade era a base para a observação e explicação dos fenômenos sociais, a partir de então se passa a considerar uma nova valorização do cultural, vendo, inclusive, a comunicação na cultura, o que significa considerar a cultura não apenas no âmbito estrito da reprodução, mas sim no campo dos processos constitutivos e transformadores do social.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Redação Jornalística pela Universidade Potiguar (UnP). Formada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFPB. E-mail: [renataescario@gmail.com](mailto:renataescario@gmail.com)



Os estudos culturais (*cultural studies*) surgiram na Inglaterra no final da década de 50 e se organizaram com o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), fundado em 1964 por Richard Hoggart. O CCCS é criado como centro de pós-graduação e pesquisa ligado ao English Department da Universidade de Birmingham e nasce em torno do trabalho de Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. Os três pesquisadores procuravam entender o papel da cultura em um momento da história da Inglaterra em que os valores tradicionais da classe operária se modificavam após a guerra.

Escosteguy (2010, p. 27) explica que “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS”.

Questionando as hierarquias culturais, com suas diferenciações entre cultura alta e baixa, inferior ou superior, e sugerindo uma observação do campo cultural em interação e intersecção com processos sociais e vida cotidiana, os estudos culturais se tornam importantes no cenário da crítica cultural.

Sem entrar no mérito de se o que se faz na América Latina é ou não estudos culturais<sup>3</sup>, consideramos para o presente trabalho as ideias de Martín-Barbero e García Canclini como referências principais nas discussões sobre mestiçagem, hibridação cultural e suas respectivas contribuições para considerações sobre cultura e identidade nas discussões sobre modernidade e globalização. Tais reflexões são imprescindíveis para que encontremos uma perspectiva sobre cultura local, já que a busca por um conceito fechado e restrito é praticamente impossível.

Buscamos aqui elencar as considerações desses autores sobre identidade e cultura – e suas relações com a comunicação – em tempos de globalização como forma de entender em que direção deve ser lançado o olhar que busca compreender as configurações das culturas locais nesse contexto. Afinal, como afirma Escosteguy (2010, p. 149), com a globalização “essa relação estável entre identidade cultural nacional e Estado-nação começa a mudar, isto é, a idéia de que uma formação nacional possa ser representada por uma identidade nacional passa a estar tensionada”. A autora

---

<sup>3</sup> Escosteguy (2010, p. 14) coloca rapidamente as críticas à terminologia ‘estudos culturais latino-americanos’ e cita as declarações de Maria Immacolata V. de Lopes, em entrevista publicada na e-compós de 2008 que diz que “Sobre Barbero e Canclini, eu não acho que eles são representantes dos estudos culturais na América Latina. Eles não são. São chamados assim de maneira incorreta. Fazer estudos de cultura é uma coisa, fazer estudos culturais é outra coisa. Na América Latina, nós temos uma tradição fortíssima de estudos de cultura”.



destaca ainda que a identidade não é fixa, está em permanente construção em uma relação entre o presente e o passado.

Ao analisar a primeira edição de uma revista alternativa publicada na Paraíba, a *Revista Fome de Quê? (fmq?)*, buscamos entender como se conforma a cultura local em um cenário de interculturalidade e transnacionalização, entendendo como se reorganizam e reconstróem as identidades em um contexto de hibridismo cultural. Foi escolhida a primeira edição da Revista por nela estarem apresentadas aos leitores suas propostas enquanto publicação nova.

### **Estudos culturais e comunicação na América Latina**

Mais que uma disciplina, os estudos culturais se colocam como um campo de estudos interdisciplinar, na qual várias áreas do conhecimento interagem considerando diversos aspectos culturais da sociedade contemporânea. A partir de então, as análises culturais ganham uma nova perspectiva, onde o conceito de cultura é alargado para incluir práticas cotidianas, levando em conta aspectos como as relações de poder, o contexto social das instituições e a história.

As temáticas sobre as quais os estudos culturais se debruçam variam de acordo com as décadas, suas devidas conjunturas e demandas da sociedade. Vão de temas que passam pelos meios de comunicação de massa e culturas populares, até questões de identidade ligadas a classe, gênero e etnia.

Na primeira fase dos estudos culturais o tema identificado é o da cultura como espaço de resistência e conflito dentro das relações. Como destacamos na introdução, nos deteremos aos estudos sobre os meios de comunicação que é o tema de interesse da pesquisa.

Nos anos de 1970 o que chama a atenção dos pesquisadores do CCCS é a recepção e os consumos midiáticos. Na época as pesquisas tinham como foco a questão ideológica dos meios de comunicação, com destaque para as coberturas jornalísticas, e os efeitos das mensagens emitidas pelos meios. Uma referência é o texto *'Encoding and decoding in the television discourse'*, de Stuart Hall, publicado em 1973.

Se houve o predomínio na década de 70 de uma teoria crítica em que se destacavam pesquisas com enfoque na ideologia e seus efeitos sobre os receptores, a partir da década de 80 a atenção se desloca não para quem emite, mas para quem recebe



e de que modo recebe as mensagens. Assim, nos anos 80, passou-se da análise do texto para a pesquisa de audiência, de recepção, de produção de sentido, principalmente da televisão.

Na década de 90 as investigações se aprofundam considerando os grupos mais variados quando o assunto é audiência, com atenção especial para as questões de identidade relacionadas ao âmbito do global, nacional e local. Estão na ordem do dia “o uso e a integração de novas tecnologias como o vídeo e a TV, [...] seus produtos na constituição de identidades de gênero, de classe [...], e as relações de poder nos contextos domésticos de recepção” (ESCOSTENGUY, 2010, p. 43). A autora explica ainda que:

Ao contrário, cada vez mais o objeto de investigação se diversifica e se fragmenta. Contudo, no ponto de encontro destas duas frentes, comunicação e estudos culturais, identifica-se uma forte inclinação em refletir sobre o papel dos meios de comunicação na constituição de identidades, sendo esta última a principal questão deste campo de estudos na atualidade. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 44)

Foi no final dos anos 70 para os anos 80 que essas reflexões críticas começaram a surgir na América Latina, entendendo a comunicação como uma questão de cultura e não apenas com explicações causais e funcionais, uma mudança de caminho provocada pelos debates sobre modernidade e globalização. Na década de 80 essa vertente se firma tendo como referência a emergência das indústrias culturais e seus reflexos na cultura popular. A reflexão é importante para entender o papel dos meios, da cultura popular, do Estado e suas articulações com a globalização e relações na formação de identidades.

No final dos anos 80, a convergência entre consumo cultural e as abordagens de recepção midiática dentro das culturas populares são a principal perspectiva dos estudos culturais latino-americanos.

Levando em consideração esse pano de fundo, os estudos culturais questionam a produção de hierarquias sociais e políticas a partir de oposições entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas populares, ou, então, entre níveis de cultura – por exemplo, alta e baixa, cultura de elite e cultura de massa. A consequência natural desse debate é a revisão dos cânones estéticos ou mesmo de identidades regionais e nacionais que se apresentam como universais ao negarem ou encobrirem determinações de raça, gênero e classe. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 47).

A autora explica ainda que os estudos culturais destacam as intersecções entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais e por isso, na América Latina, os meios



de comunicação são vistos, por essa perspectiva, como uma relação entre cultura e processos políticos, como uma questão de poder e hegemonia. Portanto, a observação é feita com referência nas ciências sociais, construindo-se como um processo sociológico-cultural, uma das singularidades do processo latino-americano que se revela no acento do viés sociocultural.

Até então predominava uma explicação da sociedade e da cultura a partir de um viés economicista, como se todos os processos sociais fossem decorrentes da economia, da produção.

Richard Johnson (2004, p. 11) destaca que “a crítica ao velho marxismo era central tanto nas vertentes literárias quanto nas vertentes históricas” dos estudos culturais – inclusive a crítica ao economicismo -, e afirma que “os Estudos Culturais foram, certamente, formados no lado de cá daquilo que podemos chamar, paradoxalmente, de ‘*revival* marxista moderno’, e nos empréstimos internacionais que foram, de forma notável, uma marca dos anos 70”.

Comentando a influência marxista sobre os estudos culturais, o autor fala de três premissas principais.

A primeira é que processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais (JOHNSON, 2004, p. 13).

Na citação do autor estão elencadas não apenas as suas, mas algumas das principais questões que conformam os estudos culturais.

### **Perspectiva sobre identidade e cultura local**

Ao abordar a questão transnacional, Martín-Barbero repensa as mediações em uma conjuntura de descentramento cultural que é consequência do processo de globalização. Na obra ‘Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia’ (2006), o autor aponta a modernidade na América Latina como diretamente ligada à expansão das indústrias culturais (rádio, televisão e cinema), e coloca a cultura popular



como formadora da sociedade de massa, esclarecendo o movimento que ao tempo em que homogeneiza as culturas, revela as diferenças locais e contribui para a designação de uma cultura híbrida e mestiça.

Para Martín-Barbero, a mestiçagem não diz respeito apenas a uma questão racial, mas a “memórias e imaginários que mistura o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo” (2006, p. 28). Mas vamos entender como o processo culminou nessa configuração.

É a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa – em interação com outros fenômenos sociais e culturais - que se desenrola o processo de homogeneização que só na atualidade mostra sua real dimensão. A cultura de massa surge a partir do popular, de suas demandas e do desenvolvimento das tecnologias de impressão, como o surgimento da imprensa em 1830 e do folhetim, primeiro tipo de texto escrito no formato popular de massa.

A própria ideia de cultura, usada como uma forma de legitimar o poder burguês teria permitido a burguesia cindir as ambiguidades entre moderno/atrasado, nobre/vulgar, e ao mesmo tempo reconciliar as diferenças, inclusive de classe, com a falsa promessa de uma só cultura para todos.

Ao estabelecer como modelo válido de cultura a *sua cultura*, e colocando-a como acessível a todos, a burguesia promove uma relação que vai da submissão ao consenso, dissolve as diferenças, transforma a massa em classe, e dá a luz a uma nova cultura, a cultura de massa. Assim, a cultura se transforma em um espaço de hegemonia e ganha o caráter de mediação, reconciliando gostos – antes contraditórios com a ideia de alta e baixa cultura - e encobrendo as diferenças, que na prática, nunca deixaram de existir.

Como falar de cultura de massa não é falar de um conjunto de meios de comunicação massivos, o que se passa na cultura com a conformação das massas não é fruto apenas do desenvolvimento das tecnologias que propiciam o crescimento dos meios de massa, mas dessas articulações que desde o século XIX promovem o apaziguamento das diferenças sociais e de classe.

Estamos afirmando que as modalidades de comunicação que neles e com eles aparecem só foram possíveis na medida em que a tecnologia materializou mudanças que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e novos usos. Estamos situando os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a



desempenhar um papel importante a partir de um certo momento – os anos 1920 (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 197).

Portanto, para o autor, os meios não foram os causadores do processo de massificação, mas integrantes de um encadeamento que envolve mudanças sociais e criação de novas relações. Assim, ele não nega a importância dos avanços tecnológicos, reconhece neles, inclusive, uma ferramenta importante no processo de homogeneização, mas alerta que a partir do reconhecimento da pluralidade cultural, tal processo, especialmente na América Latina, foi sendo desmontado.

Assim, investigar a constituição do massivo a partir das transformações que ocorreram nas culturas populares traz a tona uma comunicação permeada pelos processos de transnacionalização e aparecimento de sujeitos e identidades sociais novas, que convertem a comunicação em um espaço a partir do qual se pode pensar as complexidades e contradições da sociedade moderna. Desse modo, a atenção sai dos meios para as mediações.

Assim, podemos considerar os processos de comunicação como constituintes de identidades, de sujeitos, não se limitando a um fenômeno comercial ou de manipulação ideológica, mas um fenômeno cultural através do qual pessoas e grupos constituem o sentido da vida.

Pensando a comunicação a partir da cultura – e considerando a cultura como híbrida, mestiça e não homogênea, permeada por contradições - Barbero não reduz a problemática do desenvolvimento da comunicação massiva a questão das tecnologias, mas a estende as mediações proporcionada pelos meios na produção de sentidos e conformação da sociedade moderna.

Os meios cumpriram um papel relevante na formação de identidades, através da veiculação do multiculturalismo que embaraça os referenciais tradicionais de identidade, na medida em que dissolvem o horizonte e as fronteiras culturais do que se entende por nação.

A comunicação ganha um sentido que vai além de um emissor e de um receptor, se transforma em rede que, ao tempo em que ultrapassa as fronteiras promovendo uma transnacionalização – e quebra conceitos estabelecidos entre tradicional e moderno, culto e popular estabelecendo a hibridização –, também reafirma particularidades regionais, reforça e legitima culturalmente divisões sociais.



Assim a comunicação se tornou para nós questão de mediações mais que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, mas de reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí tem seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 28).

Nestor García Canclini também trabalha com a concepção de uma sociedade marcada pela mestiçagem e pelo hibridismo. Considera a América Latina como uma complexa interação e articulação entre modernidade e tradição e assim usa o hibridismo cultural para explicar as questões de identidade. Para o autor, ao contrário da Europa, a América Latina não teve uma distinção clara entre o culto e o popular. É um continente heterogêneo onde coexistem diversificadas formas de desenvolvimento.

No final do século XX a análise da hibridação se estende a variados processos culturais. Canclini (2008, p. XIX) entende por hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Acrescenta que o objeto de estudo é os processos de hibridação, e não a hibridez, já que a hibridação intersecciona práticas sociais gerando novas práticas a partir de variados processos (comunicacionais, econômicos, entre outros).

Levando em conta essas considerações do autor, estudar os processos culturais não é possível a partir de uma afirmação de uma identidade única, homogênea, mas sim situando-se na heterogeneidade para entender as hibridações. De um mundo multicultural, teríamos passado a um intercultural e globalizado, onde a multiculturalidade supõe heterogeneidade e a interculturalidade a relação de diferentes e suas trocas. Assim, para Canclini, uma teoria da interculturalidade deve levar em conta três processos: as diferenças, as desigualdades e a desconexão.

Diante dessa leitura dos dois autores e suas formas de olhar o mundo a partir da perspectiva da interculturalidade e hibridação, nos questionamos sobre onde se manifesta e posiciona o local nas relações globais e transnacionais. Citando Stuart Hall, Escosteguy fala de um fortalecimento das culturas locais e transnacionais em detrimento dos nacionalismos na Europa Ocidental. Tal movimento seria uma resposta de grupos regionais e nacionais por muito tempo oprimidos por estados nacionais fortes e reação de culturas nacionais que se viram ameaçadas por suas próprias periferias.





A atual e intensa fase de globalização tem favorecido tendências que pressionam os estados nacionais em direção à integração supranacional – econômica e, mais hesitantemente, política e cultural – enfraquecendo sem destruir o Estado-nação e, desse modo, abrindo ambas as economias, locais e regionais, para novos deslocamentos e novas relações. Paradoxalmente, a globalização parece, também, ter conduzido a um fortalecimento de fidelidades e identidades ‘locais’ dentro dos estados nacionais. Embora isso possa ser enganador, o fortalecimento do ‘local’ é provavelmente menos o *revival* de identidades estáveis de ‘comunidades estabelecidas localmente’ do passado e mais aquela artilosa versão ‘do local’ que opera dentro e tem sido completamente remodelada pelo ‘global’, funcionando amplamente dentro de sua lógica”. (HALL apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 154).

Nesse contexto, em busca de uma forma de falar por si mesmo, aparecem novos sujeitos e representações que apesar da força da homogeneização, manifestam a diversidade das culturas locais e são exemplos de resistência a modelos homogeneizantes estabelecidos. Analisaremos no próximo ponto a primeira edição da revista cultural publicada na Paraíba *Fome de quê?* como possível representação dessas resistências no âmbito comunicacional local.

### **Comunicação alternativa e cultura local: uma análise da primeira edição Revista Fome de Que? (fmq?)**

Criada em outubro de 2009 na cidade de Campina Grande, na Paraíba, a *Revista Fome de Que?(fmq?)* conta com quatro edições publicadas. Sem periodicidade definida, a Revista tem uma tiragem de dois mil exemplares que são distribuídos gratuitamente a cada edição em Campina Grande, João Pessoa, Caruaru e Recife, além de quase quatro mil leitores da edição digital<sup>4</sup>. A Revista surgiu com a intenção de dar evidência não apenas a eventos culturais, mas servir como vitrine para a produção cultural existente na Paraíba.

É produzida por colaboradores de diversas formações, entre jornalistas, artistas e especialistas que trabalham como voluntários. Tem o gênero opinativo como predominante, destacando-se as resenhas, críticas e artigos, além de entrevistas e crônicas.

---

4 [http://issuu.com/revistafmq/docs/revista\\_fmq\\_numero01/1](http://issuu.com/revistafmq/docs/revista_fmq_numero01/1)  
[http://issuu.com/revistafmq/docs/revista\\_fmq\\_n2](http://issuu.com/revistafmq/docs/revista_fmq_n2)  
[http://issuu.com/revistafmq/docs/revista\\_fmq\\_3](http://issuu.com/revistafmq/docs/revista_fmq_3)



A *fmq?* tem distribuição gratuita e o dinheiro arrecadado com os anúncios é utilizado para pagar despesas de produção, entre elas a produção gráfica que consome 90% da verba. A revista tem garantido um espaço não só para divulgação da cultura local, mas para a reflexão sobre os rumos do cenário cultural nordestino, configurando-se como a única publicação impressa com tal formato no Estado.

Essa reflexão é possível através do conteúdo dos textos, que, em sua maioria, vão além do registro factual de eventos e se colocam no campo da crítica cultural e da emissão de opinião sobre questões que na maioria das vezes não encontram espaço na mídia tradicional, mas que são importantes para o cenário onde a Revista circula.

Entre os temas tratados estão o cinema, a música, a literatura, a cultura popular, e situações cotidianas registradas em crônicas e artigos que fogem ao formato fechado dos cadernos culturais dos jornais impressos, principal espaço no Estado para divulgação de manifestações artísticas que são pautados, na maior parte do tempo, por eventos culturais.

Desde a década de 60 no Brasil publicações alternativas buscavam dar voz aos amordaçados pelo regime militar e funcionavam como uma forma de combater o regime e como contraponto ao que era dito pelos veículos tradicionais de comunicação. Dai em diante essas publicações sempre se mantiveram vivas, apesar de mudarem suas características de acordo com o momento histórico e a conjuntura política do país, ganhando outras denominações, como comunicação popular e comunitária<sup>5</sup>.

Peruzzo (2009, p. 197), analisa que após todas as modificações pelas quais passaram esse tipo de comunicação, no início do século XXI ela “[...] reedita formas de expressão impressas e audiovisuais, cria novos canais e, ao mesmo tempo, se recria por meio de novos formatos digitais que o avanço tecnológico favorece”, no entanto, mesmo com as mudanças, permanece com seu caráter alternativo.

Caracterizar uma publicação como alternativa ou não sempre gerou discussões e controvérsias. Henrique Magalhães (2003, p.23) comenta que alguns consideram alternativa uma publicação que partiu de uma iniciativa independente, sem qualquer financiamento de órgão público, ou aquela que se contrapõe ao convencional. Para

---

<sup>5</sup> cf. PERUZZO, Cícilia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.



outros, a posição ideológica contestadora ou revolucionária seria o decisivo, assim como a forma de se transmitir a mensagem.

É justo por essa série de questões a serem considerados que não existe uma definição precisa para este tipo de comunicação, sendo mais sensato apontar aspectos, elementos ou características alternativas em veículos de comunicação. Tal caracterização pode ser feita a partir da classificação da linguagem, da mensagem e da forma de produção, por exemplo. Magalhães (*ibidem*, p.25) destaca dentre esses três elementos “a mensagem como o mais importante, por seu conteúdo reflexivo e questionador. No entanto, vale lembrar que quanto maior a confluência de todos os elementos, maior seu poder de transformação”.

Analisando a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço, Peruzzo (2009, p.132) afirmou que “com o passar do tempo, o uso do termo “alternativo” para qualificar uma modalidade de comunicação foi se tornando mais complicado, porque seu significado, diante das diferentes práticas que foram surgindo, não é unívoco”. Concordamos com Peruzzo quando afirma que:

No conjunto, a comunicação alternativa representa uma contracomunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e das “comunidades”, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização e, assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social.(PERUZZO, 2009, p. 132)

Considerando a diversidade de formas da comunicação alternativa, a autora se organiza em duas correntes: uma agrupa a comunicação popular, alternativa e comunitária, e a outra a imprensa alternativa.

A autora define a categoria Imprensa Alternativa como a que reúne processos de comunicação basicamente jornalísticos, “que podem assumir feições mais amplas, de caráter autônomo e, por natureza, não alinhados aos padrões dos meios de comunicação convencionais, governos e demais setores que representam as classes dominantes”.

Já a subdivisão ‘Jornalismo alternativo colaborativo (de informação geral ou especializada)’, a investigadora classifica como a que centra suas atenções em transmitir uma visão diferenciada e crítica dos acontecimentos que normalmente já são tratados pela grande mídia, além de temas omitidos por ela. “Pode também tratar especificamente de política, economia, questões locais, questões juvenis, crítica aos meios de comunicação etc” (PERUZZO, 2009, p. 141).



Segundo a autora, nessa subdivisão, o caráter colaborativo pode ocorrer a partir de duas perspectivas. A primeira sendo a colaboração instituída e praticada por voluntários que encaram uma proposta editorial diferenciada. A segunda perspectiva se refere a processos interativos nas mídias digitais, através de websites colaborativos, onde os membros contribuem com a produção de conteúdos.

Portanto, levando em conta a categorização feita por Peruzzo (2009), entendemos que a publicação pode ser classificada como um exemplo de ‘Imprensa Alternativa’ por tratar-se de um meio que se coloca como canal alternativo de informação, pautando artistas e manifestações culturais que geralmente não encontram espaço na mídia tradicional, e se o encontra, dificilmente é tratado com o olhar crítico que merece. Outras características como periodicidade indefinida e ausência de um formato estabelecido em termos de diagramação e de conteúdo, que necessariamente não se repetem em cada uma das edições, também são elementos característicos de publicações alternativas.

O próprio processo de produção, organizado, como vimos acima, pela colaboração voluntária de profissionais da comunicação culturalmente engajados, além, claro, do próprio objetivo da publicação, permite uma produção mais livre, com *deadlines* a serem cumpridos, mas sem tantos elementos de pressão enfrentados por redatores de um veículo comercial, principalmente pelos de circulação diária.

Também porque o seu caráter colaborativo a coloca na contra mão do lucro como objetivo principal. Não que não existam publicações alternativas que não tenham o lucro como característica, mas no caso da *fmq*? o fato de o uso da arrecadação com os comerciais ser utilizado para a sua sustentabilidade a retira da submissão a interesses comerciais que em muitos casos engessam o conteúdo das produções. Características estas que, na classificação de Peruzzo, também fazem dela um exemplo de ‘Imprensa Alternativa’ como ‘Jornalismo alternativo colaborativo (de informação geral ou especializada)’, com a visão diferenciada e crítica da utilizada pela grande mídia e um trabalho colaborativo que leva a frente uma proposta editorial diferenciada.

A liberdade expressiva fica clara, ainda mais em textos com teor crítico aguçado que dificilmente teriam espaço em um meio de comunicação tradicional ou qualquer outro veículo com interesses comerciais como prioridade. Todas as edições evidenciam a cultura local em suas pautas, inclusive com destaque em suas capas para nomes que representam essa cultura local, como Ariano Suassuna na primeira edição, o cartunista



Mike Deodato Filho na segunda, o cantor e compositor Chico César na terceira e o ator Luiz Carlos Vasconcelos na quarta edição.

Como afirmamos acima, na primeira edição, que analisamos aqui, Ariano Suassuna tem espaço na capa e na matéria de destaque com um título que chama a atenção para a intenção de destacar a valorização da cultura brasileira: “Ariano Nordestino Suassuna – um elogio ao povo brasileiro”. A valorização da cultura nordestina também está anunciada no editorial que diz que a publicação busca “livrar-nos do estigma de uma região de famintos e miseráveis. Sendo assim nossa proposta é de uma revista capaz de focar a cultura, a arte, a política, costumes, comportamento, valorizando a mais forte das culturas brasileiras”.

Dos 14 textos da primeira edição, nove são artigos, três matérias jornalísticas, uma crônica e uma entrevista. Desse conteúdo, nove textos tratam de temas paraibanos ou nordestinos e os demais envolvem análises ligadas a cultura brasileira. Mesmo que a matéria principal, com Ariano Suassuna, dê destaque a cultura popular e enalteça traços da cultura tradicional nordestina, assim como uma matéria de destaque com o artista popular Baixinho do Pandeio, a edição não cai na vala dos estereótipos e dá espaço a novas (e alternativas) produções paraibanas no segmento da música, do cinema e da arte de rua.

Acreditamos que o sentido de cultura foi profundamente alterado nas sociedades contemporâneas e tal mudança implica repensar o que entendemos por jornalismo cultural, cuja identidade tem de encontrar novos elementos para definir sua prática social.

À luz das teorias abordadas nas primeiras partes deste trabalho e análise da primeira edição da revista percebemos que, mais que uma ferramenta alternativa de expressão, a publicação se coloca como uma resistência da cultura local que luta para se manter viva em sua multiplicidade. Uma multiplicidade que inclui personagens da cultura popular e seus traços marcantes que caracterizam o que tradicionalmente se formou como cultura paraibana ou nordestina, mas sem desconsiderar manifestações artísticas que também compõem o cenário atual, mais alternativo, mais urbano, híbrido no que diz respeito a diversas influências que vão além do local e do nacional, mas ainda assim, paraibano.

Acreditamos que tal resistência é necessária diante da falta de valorização por parte dos veículos tradicionais de comunicação paraibanos que, em sua maioria, não



tratam as manifestações culturais locais com o devido destaque ou aprofundamento que garantiriam um jornalismo crítico e comprometido com a cultura local.

Nos parece que diante dos processos de homogeneização, onde o nacional e o regional muitas vezes se perdem, reforçar a própria cultura é um modo de se fazer sujeito, como já dizia Canclini:

Os estudos sobre o lado ativo da recepção demonstram que não há meios de comunicação onipresentes nem audiências passivas, mas a concentração monopolista e transnacional das indústrias da cultura e a fragilidade das associações de telespectadores e consumidores ainda deixam sem solução a questão da medida na qual o capitalismo das redes globalizadas nos permite ser sujeitos. A possibilidade de sê-lo aparece não só como a capacidade criativa e reativa dos indivíduos; depende também de direitos coletivos e controles sociais sobre a produção e a circulação de informações e entretenimento. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 164)

Fica claro como as identidades dos sujeitos formam-se hoje em processos interétnicos e internacionais, em intercâmbio com informações distribuídas por todo o globo pelas indústrias culturais. E nesse processo, as identidades e culturas locais não se anulam ou apagam, se cruzam e são re combinadas, mas continuam vivas e com a necessidade de reconhecimento e autoafirmação através de sujeitos que são interculturais, mas que não pretendem se tornar anônimos ou diluídos.

Se nas relações clássicas de dominação a repartição desigual de bens garantia o poder a poucos, hoje a capacidade de manter-se conectado (e ter o domínio de recursos para tal) é o que produz a diferença e a desigualdade.

### **Considerações Finais**

Considerando a perspectiva de interculturalidade e hibridação, percebemos, tomando a *Revista fmq?* como exemplo, que espaços locais de resistência se formam como maneira de não se diluírem, reafirmando as pluralidades, cotidianos específicos e acima de tudo empoderando-se enquanto sujeitos que movimentam e transformam cenários, independente dos estigmas homogeneizantes que imperam, principalmente nos veículos de comunicação tradicionais, a serviço de interesses políticos e sociais nada democráticos.

Na busca de dar voz e vez a modos de vida e expressões na maioria das vezes desconsiderados, a revista goza de características diversas das publicações culturais



diárias, não só pelos elementos que são próprios das Revistas pelo seu formato enquanto meio, mas por garantir ao jornalismo cultural que pratica, pelo tratamento das suas pautas, um caráter mais crítico.

A Revista consegue fugir da superficialidade informativa predominante, muitas vezes, nos jornais diários - gerada pela opinião não fundamentada e o abandono da reflexão devido à supervalorização da informação de serviço e agenda - e praticar um jornalismo que cumpre um papel de reflexão sobre a cultura local na medida em que lança sobre os temas um olhar diferenciado, com uma abordagem muitas vezes incomum, levando o leitor a enxergar a temática por um viés diferenciado do que o mero consumo da informação como fato.

Portanto, ao se apresentar como uma fonte de informação alternativa, garantindo aos temas culturais uma abordagem mais crítica, a Revista contribui para que a cultura não seja reduzida ao entretenimento, redução esta que pode ser uma forma de contribuir com o enfraquecimento da cultura como expressão múltipla e plural.

## REFERÊNCIAS

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://pt.scribd.com/LuzianeCosta/d/35295718-Cartografias-dos-estudos-culturais-Uma-versao-latino-americana>. Acesso em 20 de janeiro de 2012.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 4 ed. 2008.

\_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 3 ed. 284 p.

GRINBERG, Máximo Simpson. **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003, p.23-26

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. 4 ed.

PERUZZO, Círcia M.K. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.